

# Introdução

Por Robert Dimery, editor-geral

Os discos são a trilha sonora de nossas vidas – e os amantes de música que existem dentro de nós não poderiam dizer isso de outra forma. Ao folhear *1001 Discos Para Ouvir Antes de Morrer*, fica claro como os álbuns mostram nitidamente a ascendência e a queda das tendências musicais na última metade do século 20.

A abrangência deste livro permite que o leitor repense nas críticas que definem os altos e baixos da música ao longo desses últimos 50 anos. A década de 70 é muitas vezes desvalorizada, como se fosse a “parente malvestida” dos vibrantes anos 60. Mas como é possível um período que deu origem a gêneros como heavy metal, glam, reggae, disco, punk, new wave, post-punk e a *What's Going On*, de Marvin Gaye, ser tão malvisto? Mais curioso ainda é o fato de em alguns anos, como 1967, ter havido inúmeros lançamentos de álbuns clássicos.

Logicamente, a escolha dos álbuns incluídos aqui foi um trabalho altamente subjetivo. Como editor, tenho grande parte da responsabilidade pela compilação da lista, apesar de o diretor de projeto Tristan de Lancey merecer todos os elogios possíveis pelo seu esforço incansável.

Alguns leitores poderão questionar as múltiplas entradas de alguns artistas. Em minha opinião, compositores de talento fora do comum como Joni Mitchell, Elvis Costello ou Nick Cave certamente merecem esse tipo de atenção como forma de representar a amplitude do seu trabalho. Também é possível notar que alguns artistas inspiram pontos de vista contraditórios em nossos colaboradores. Isso me parece excelente: procuramos opiniões individuais, bem informadas e articuladas, e não um consenso insípido.

Neste livro é possível encontrar detalhes fascinantes sobre a origem dos discos. Que álbum teve seu lançamento atrasado como demonstração de respeito à morte do presidente John F. Kennedy? Em que se inspirou Paul Simon para escrever “Mother And Child Reunion”? Que vegetal Paul McCartney “toca” em *Rings Around The World* do Super Furry Animals? Leia e descubra!

Uma das maiores recompensas de fazer esta pesquisa foram as surpresas com as quais nos deparamos. Os anos 50 podem representar o despertar do rock 'n' roll, mas, em termos de LPs consistentes e de qualidade, o jazz nesse período excedeu em muito os primeiros trabalhos de rock. (As exceções incluem Little Richard e Fats Domino – cada um de seus álbuns aqui comentados é puro prazer, do princípio ao fim.)

Comparativamente, a disco music derrotou por larga margem o punk em termos de vendas de singles, mas, se não considerarmos um pequeno número de exceções (o sulime Chic, o maravilhoso *Off The Wall*, de Michael Jackson), os artistas da disco não deixaram um legado de álbuns clássicos.

Você pode se perguntar: "E *Saturday Night Fever*?" Bem, neste livro não há coletâneas ou trilhas sonoras de "vários artistas", embora tenhamos reservado espaço para aquelas inteiramente constituídas por material original composto por um único artista. De outra forma não poderíamos ter incluído *Superfly*, *Shaft* ou *Purple Rain* – três marcos da história do pop e alguns dos melhores trabalhos de Curtis Mayfield, Isaac Hayes e Prince, respectivamente.

Os detalhes técnicos (selo, data, lista de músicas, etc.) dizem respeito ao lançamento do disco em seu país de origem. Assim, para qualquer álbum dos Beatles aqui incluído, a ordem da lista de músicas se refere ao lançamento do LP na Inglaterra (Parlophone) e não ao seu equivalente nos Estados Unidos (Capitol).

Decidimos ainda excluir as faixas adicionais por não fazerem parte do trabalho inicial. As músicas mais relevantes, na opinião de cada crítico, estão assinaladas por uma pequena seta e se, no relançamento de um álbum, tiver sido acrescentada uma canção que o torne ainda mais notável, o fato é adaptado no texto. ("Teenage Kicks" não foi incluída na primeira versão do *The Undertones*, mas não mencioná-la seria uma falha imperdoável.)

Sempre que possível, também indicamos os nomes dos responsáveis pelo trabalho gráfico da capa dos álbuns. Alguns deles são citados várias vezes, como visionários responsáveis por algumas das capas mais marcantes da música popular. Retornando mais uma vez aos anos 50, os diretores artísticos eram heróis raramente lembrados – eram simples funcionários das gravadoras que não esperavam nem recebiam reconhecimento.

Por fim, nos esforçamos para assegurar que todos os discos incluídos ainda estejam disponíveis no mercado. Em alguns casos, o álbum recomendado foi relançado em CD juntamente com outro álbum do mesmo artista.

Espero que esse vasto leque de artistas e gêneros seja uma introdução estimulante a alguns dos melhores discos lançados ao longo das últimas cinco décadas. De minha parte, aprendi muito durante os meses em que estive envolvido na produção deste livro. E posso afirmar com toda a certeza: não é possível sofrer uma overdose de música.

# Talking Heads

## More Songs About Buildings And Food (1978)

Selo | Sire

Produção | Brian Eno • Talking Heads

Projeto gráfico | David Byrne

Nacionalidade | Inglaterra • EUA

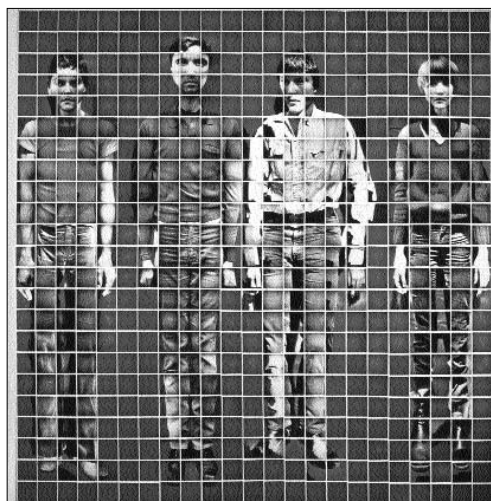
Duração | 41:32

David Byrne e Brian Eno faziam um par perfeito, formado no céu das escolas de arte. O primeiro álbum dos Talking Heads, *Talking Heads: 77*, apesar de sua qualidade, mostrou que a banda precisava de foco e Eno providenciou isso sem eliminar o ecletismo natural da banda ou solapar a voz individual de Byrne.

A capa modernista, criada por Byrne, que mostra os quatro Heads reconstruídos como uma grade, dá apenas uma pista do caráter experimental do álbum. As letras excêntricas e auto-referentes do cantor são o destaque de "With Our Love" e "Good Thing", mas têm de abrir espaço dentro do ritmo cada vez mais complexo da baixista Tina Weymouth e do baterista Chris Frantz. Se ...77 mirava a cabeça, *More Songs About Buildings And Food* se dirigia aos pés, fluindo pelo minimalismo clássico, música disco espacial e funk africano.

O frenesi provocado pelo sucesso anterior da banda, "Psycho Killer", se materializou novamente na arrasadora faixa de abertura, "Thank You For Sending Me An Angel". Em "Artists Only", Byrne quase se contorce com uma energia nervosa. À medida que o tempo passa, aumenta a intensidade e vem a poderosa releitura de "Take Me To The River", de Al Green, o primeiro single da banda a ficar entre os Top 40.

O álbum vendeu modestamente. O mais importante é que foi o pontapé inicial da parceria de quatro anos entre Eno e os Talking Heads, que culminou com *Remain In Light*, de 1980. Esse ciclo configurou o auge da carreira do grupo e se iguala à série de álbuns que Eno gravou com David Bowie. **JiH**



**"(...) é possível se expressar de uma maneira totalmente minimalista."**

David Byrne, 1997

### Lista de músicas

- |      |                                            |                  |      |
|------|--------------------------------------------|------------------|------|
| ▶ 01 | <b>Thank You For Sending Me An Angel</b>   | (Byrne)          | 2:11 |
| 02   | <b>With Our Love</b>                       | (Byrne)          | 3:30 |
| 03   | <b>The Good Thing</b>                      | (Byrne)          | 3:03 |
| 04   | <b>Warning Sign</b>                        | (Byrne • Frantz) | 3:55 |
| ▶ 05 | <b>The Girls Want To Be With The Girls</b> | (Byrne)          | 2:37 |
| 06   | <b>Found A Job</b>                         | (Byrne)          | 5:00 |
| ▶ 07 | <b>Artists Only</b>                        | (Byrne • Zieve)  | 3:34 |
| 08   | <b>I'm Not In Love</b>                     | (Byrne)          | 4:33 |
| 09   | <b>Stay Hungry</b>                         | (Byrne • Frantz) | 2:39 |
| ▶ 10 | <b>Take Me To The River</b>                | (Green • Hodges) | 5:00 |
| 11   | <b>The Big Country</b>                     | (Byrne)          | 5:30 |

## Police | Reggatta De Blanc (1979)

Selo | A&M

Produção | Nigel Gray • The Police

Projeto gráfico | Michael Ross

Nacionalidade | Inglaterra • EUA

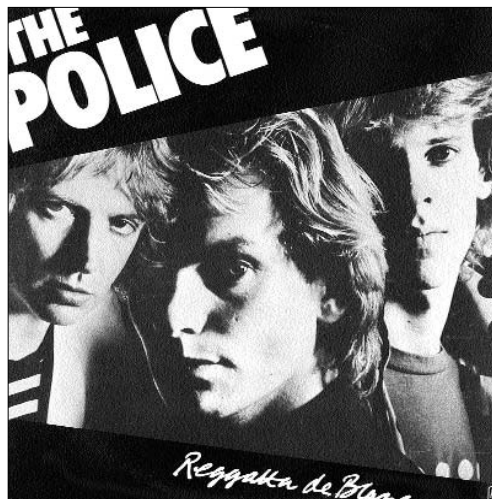
Duração | 41:43

O primeiro disco do Police, *Outlands D'Amour*, apareceu no final de 1978 e incluiu três singles de sucesso. Mas quando este segundo álbum com um nome em inglês pidgin – *Reggatta De Blanc* significa “reggae branco” – surgiu no outono, logo disparou para o primeiro lugar da parada britânica e se tornou o segundo LP do Police a entrar, em 1979, nos Top 30 dos Estados Unidos.

A transformação do Police do punk de imitação que era, em 1977, para, talvez, a maior banda de rock do mainstream, em 1983, foi notável. *Reggatta...* originou os dois primeiros singles do grupo a chegar ao primeiro lugar das paradas americanas – “Walking On The Moon” e “Message In A Bottle” (“The Bed’s Too Big...” era a faixa principal do que ficou conhecido como “Six-Pack”, um lançamento especial que também continha os cinco hits anteriores em single da banda pela A&M). Os dois singles representavam o tipo de new wave da banda, em que se destacavam os riffs econômicos, mas cativantes, de Andy Summers e a bateria ágil de Stewart Copeland. O integrante-chave do trio, porém, era um ex-professor de Newcastle, Gordon Sumner, mais conhecido como Sting – um dos melhores vocalistas do mundo, baixista e compositor.

Copeland tinha tocado antes com o Curved Air e convidou o desconhecido Sting para o Police, que era empresariado por seu irmão, Miles. Summers, que havia se apresentado com o Zoot Money, Eric Burdon, Kevin Coyne e Kevin Ayers, entre outros, foi escolhido por Copeland e Sting quando os dois ouviram um single da banda na qual ele tocava, Strontium 90.

Apesar do sucesso mundial, o equilíbrio do poder dentro da banda sempre foi delicado. O Police se separou em 1985 e Sting partiu para uma prolífica carreira solo. **JT**



“O reggae (...) me mostrou que é possível virar a bateria pelo avesso.”

Stewart Copeland, 1982

### Lista de músicas

|      |                                                |      |
|------|------------------------------------------------|------|
| ▶ 01 | Message In A Bottle (Sting)                    | 4:50 |
| 02   | Reggatta De Blanc (Copeland • Sting • Summers) | 3:06 |
| 03   | It's Alright For You (Copeland • Sting)        | 3:13 |
| 04   | Bring On The Night (Sting)                     | 4:16 |
| 05   | Deathwish (Copeland • Sting • Summers)         | 4:11 |
| ▶ 06 | Walking On The Moon (Sting)                    | 5:02 |
| 07   | On Any Other Day (Copeland)                    | 2:57 |
| ▶ 08 | The Bed's Too Big Without You (Sting)          | 4:25 |
| 09   | Contact (Copeland)                             | 2:38 |
| 10   | Does Everyone Stare (Copeland)                 | 3:46 |
| 11   | No Time This Time (Sting)                      | 3:19 |

## Michael Jackson | Off The Wall (1979)

**Selo** | Epic

**Produção** | Michael Jackson • Quincy Jones

**Projeto gráfico** | Steve Harvey • Mike Salisbury

**Nacionalidade** | EUA

**Duração** | 45:45

Ao contrário de Stevie Wonder, que passou de menino-prodígio a estrela adulta sem contratempos, Michael Jackson teve uma adolescência musical difícil. Em 1979, ele estava há sete longos anos sem emplacar um sucesso solo e, aos 19 anos, sentia-se desesperado para encontrar um novo mentor musical.

Enquanto ensaiava, em 1977, para o musical *The Wiz*, com o elenco todo negro, Jackson, timidamente, perguntou ao mestre do jazz e do funk Quincy Jones se podia recomendar um produtor para ele. Jones se candidatou, montou uma banda de estúdio a partir de dois grupos com os quais trabalhava – os Brothers Johnson e o Rufus – e arregimentou músicos como o tecladista de Stevie Wonder, Greg Philanganes. Juntos, eles criaram uma intrincada fusão de afiadas batidas disco, o estado da arte do funk, baladas arrasadoras e refrões descomplicados de pop, que reinventou o vocabulário sonoro do R&B.

O álbum traz um elenco de renomados compositores – Paul McCartney, Stevie Wonder, Carole Bayer Sager, parceira de Burt Bacharach, e o guru britânico do soul Rod Temperton –, mas a obra central do disco é a faixa de abertura, a frenética e nervosa “Don’t Stop ‘Til You Get Enough”, de Michael. Os vivos gritos em falsete de Jackson funcionam como um obbligato para a linha melódica, acentuando o emocionante arranjo de cordas de Ben Wright e o traçado preciso do trompete de Jerry Hey. Outras faixas repetem esse tom triunfal, e mesmo pieguices como “She’s Out Of My Life” soam tão simples e sem afetação que dá vontade de chorar junto com Michael no final da música.

O disco vendeu 12 milhões de cópias e a produção de Quincy Jones estabeleceu um precedente para os artistas em busca de como sair do gueto das bandas adolescentes. Mas nenhum pôde se comparar à genialidade absoluta de *Off The Wall*, o álbum que funcionou como uma pedra de Rosetta para tudo que se fez depois de R&B. **JLe**



“Toda a minha vida eu quis ver um cantor como Michael fazer o que queria, sem limitações ...”

Quincy Jones, 1979

### Lista de músicas

- |      |                                       |                     |      |
|------|---------------------------------------|---------------------|------|
| ▶ 01 | <b>Don't Stop 'Til You Get Enough</b> | (Jackson)           | 6:05 |
| ▶ 02 | <b>Rock With You</b>                  | (Temperton)         | 3:40 |
| 03   | <b>Working Day And Night</b>          | (Jackson)           | 5:14 |
| 04   | <b>Get On The Floor</b>               | (Jackson • Johnson) | 4:39 |
| 05   | <b>Off The Wall</b>                   | (Temperton)         | 4:06 |
| 06   | <b>Girlfriend</b>                     | (McCartney)         | 3:05 |
| ▶ 07 | <b>She's Out Of My Life</b>           | (Bahler)            | 3:38 |
| 08   | <b>I Can't Help It</b>                | (Greene • Wonder)   | 6:06 |
| 09   | <b>It's The Falling In Love</b>       | (Foster • Sager)    | 3:48 |
| 10   | <b>Burn This Disco Out</b>            | (Temperton)         | 5:24 |

## Prince And The Revolution | Purple Rain (1984)

**Selo** | Warner Bros.

**Produção** | Prince And The Revolution

**Projeto gráfico** | Prince

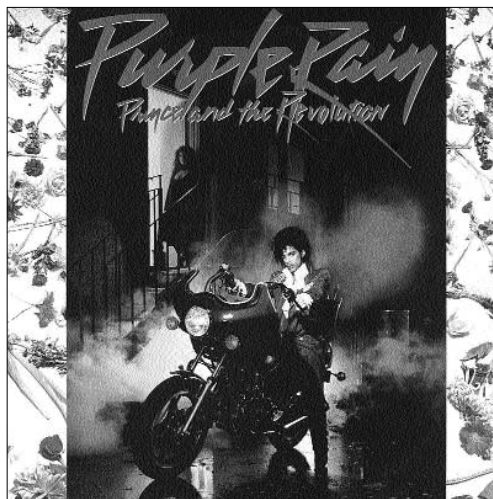
**Nacionalidade** | EUA

**Duração** | 43:50

Apesar de ter chegado bem perto com *Sign O' The Times*, de 1987, *Slave*, *The Love Machine* ou ainda *Squiggle*, "o artista anteriormente conhecido como Prince Rogers Nelson" nunca conseguiu superar *Purple Rain*, de 1984. Num momento em que o mundo do pop esperava a chegada do segundo disco de Madonna e *Thriller*, lançado dois anos antes por Michael Jackson, continuava dominando a arena, as primeiras críticas menosprezaram *Purple Rain*, afirmando que era uma trilha sonora sem um único hit. Contudo, a trilha sonora da fábula semi-autobiográfica de Prince – um jovem baixote proveniente de uma família pobre e disfuncional se refugia em sua própria música – demonstrou ser a sua declaração pop mais completa. Vendeu 14 milhões de cópias em todo o mundo, gerou cinco singles que entraram para o Top 10 (incluindo dois que chegaram ao primeiro lugar) e fez do cantor uma lenda.

A chave do sucesso de *Purple Rain* foi o som de Prince, impossível de definir. O funk eletrônico vulgar pelo qual era antes conhecido deu lugar a uma nova mistura de rock, pop e soul que incorporava guitarras distorcidas a batidas eletrônicas em músicas como "When Doves Cry" e "Computer Blue." A faixa-título do disco foi – acreditem ou não – uma tentativa que Prince fez de compor um rock no estilo country de Bob Seger.

Prince sabia que não conseguiria atingir sucesso em nível mundial a menos que se contivesse um pouco nas letras. Ele fez o possível, mas, com "Darling Nikki" (que fala sobre uma ninfomaníaca que se masturba vendo revistas), Prince foi parar novamente nos livros de história, tornando-se o responsável quase direto pelos selos de "Parental Advisory" (advertência aos pais) dos discos americanos. **MM**



**"Gostaria que as pessoas entendessem que sempre pensei ser um cara malvado."**

Prince, 1985

### Lista de músicas

|      |                                                     |      |
|------|-----------------------------------------------------|------|
| ▶ 01 | Let's Go Crazy (Prince)                             | 4:39 |
| 02   | Take Me With U (Prince)                             | 3:54 |
| 03   | The Beautiful Ones (Prince)                         | 5:15 |
| 04   | Computer Blue (Coleman • Melvoin • Nelson • Prince) | 3:59 |
| 05   | Darling Nikki (Prince)                              | 4:15 |
| ▶ 06 | When Doves Cry (Prince)                             | 5:52 |
| ▶ 07 | I Would Die 4 U (Prince)                            | 2:51 |
| 08   | Baby I'm A Star (Prince)                            | 4:20 |
| ▶ 09 | Purple Rain (Prince)                                | 8:45 |

## Bruce Springsteen | Born In The USA (1984)

Selo | Columbia

Produção | Various

Projeto gráfico | Andrea Klein • Annie Leibowitz

Nacionalidade | EUA

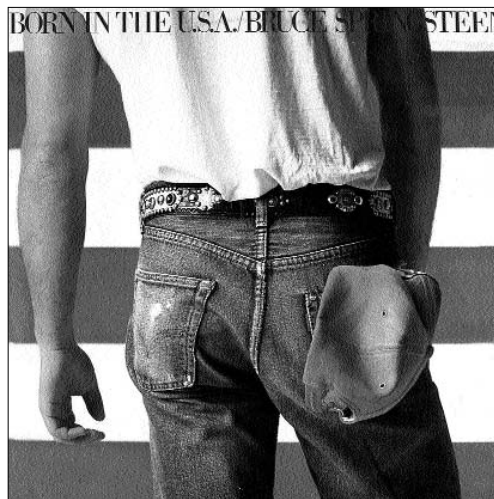
Duração | 46:51

Gargalhadas de alegria devem ter enchido a CBS no verão de 1984. Assim que *Thriller* saiu do Top 5 da Billboard, *Born In The USA* (também de uma subsidiária da CBS) tomou o seu lugar, ficando entre os primeiros por mais de um ano. Os dois álbuns sobreviveram com grande estilo aos seus anos de sucesso e, como cada um deles gerou sete singles no Top 10, chegam a soar como coletâneas de hits.

O sucesso de Springsteen pode ser atribuído, em parte, a uma postura mais ousada. Deixando o amargo *Nebraska* para trás, ele destilou as melhores dentre as supostas 100 músicas que teria composto e assegurou seu status de ícone do pop através das lentes de Annie Leibowitz, que fotografou seu traseiro vestindo jeans na capa.

Desde "Born In The USA" – que originalmente era um lamento acústico, mas se transformou numa tempestade no melhor estilo The Who – até a sensual "I'm On Fire", passando pela afetuosa "Glory Days", a música é enganosamente comercial. "Enganosamente" porque as letras pedem introspecção. Há "Dancing In The Dark", sobre sua frustração por ter que compor um grande sucesso; a nostálgica "Bobby Jean", homenagem ao companheiro de estrada Steve Van Zandt; o rock 'n' roll amalucado de "Working On The Highway", que mascara uma letra dura; e, claro, a aparentemente patriótica "Born In The USA", que na verdade é uma condenação corrosiva. Para confirmar ainda mais a sua genialidade, ele torna a poderosa "No Surrender" em algo tão comovente quanto a romântica "I'm On Fire".

É fácil interpretar errado este disco: o então presidente Ronald Reagan citou a faixa-título como um exemplo a ser seguido. Seu sucesso – mais de 15 milhões de cópias vendidas só nos Estados Unidos – pode encrispar os ânimos, mas não se deixem enganar. Em seu espírito – amor, lar e honestidade –, este álbum é pura alma e coração. **BM**



**“O maior desafio... é manter-se fiel ao próprio idealismo depois de perder a inocência.”**

Bruce Springsteen, 2002

### Lista de músicas

|      |                                      |      |
|------|--------------------------------------|------|
| ▶ 01 | Born In The USA (Springsteen)        | 4:39 |
| 02   | Cover Me (Springsteen)               | 3:29 |
| 03   | Darlington County (Springsteen)      | 4:50 |
| 04   | Working On The Highway (Springsteen) | 3:11 |
| 05   | Downbound Train (Springsteen)        | 3:37 |
| ▶ 06 | I'm On Fire (Springsteen)            | 2:42 |
| 07   | No Surrender (Springsteen)           | 4:03 |
| 08   | Bobby Jean (Springsteen)             | 3:48 |
| 09   | I'm Goin' Down (Springsteen)         | 3:32 |
| 10   | Glory Days (Springsteen)             | 4:18 |
| ▶ 11 | Dancing In The Dark (Springsteen)    | 4:05 |
| 12   | My Hometown (Springsteen)            | 4:37 |

## Nirvana | In Utero (1993)

**Selo** | Geffen

**Produção** | Steve Albini • Scott Litt

**Projeto gráfico** | Kurt Cobain • Robert Fisher

**Nacionalidade** | EUA

**Duração** | 69:05

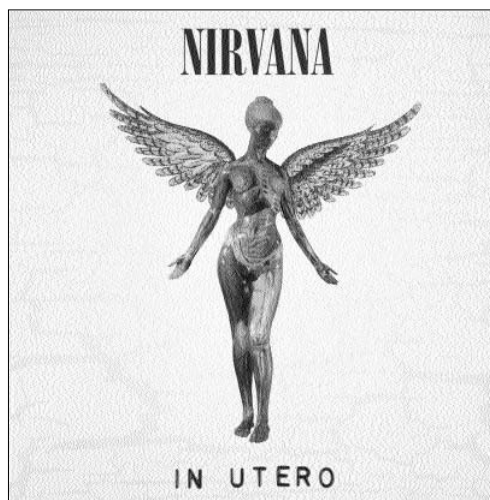
A história do rock está repleta de discos esmagados pelo peso da expectativa à sua volta. *In Utero* manteve-se rígido como aço, ainda relevante em nossos dias apesar de ter sido o trabalho que se seguiu ao colossal *Nevermind*, o álbum que definiu o grunge na década de 90.

Kurt Cobain era um reacionário no sentido mais literal. O Nirvana quis usar a produção polida de *Nevermind* para fugir ao som metálico do seu primeiro álbum, *Bleach*. Para *In Utero*, chamaram o produtor punk Steve Albini. Os fãs e críticos não tinham com o que se preocupar, contudo: o trabalho anterior de Albini com o Breeders e o Pixies acabou se mostrando mais direcionado às paradas de sucesso do que *In Utero*.

Ele não é, em si, um disco punk. A bela "Dumb" deixa isso bem claro, com um delicado violoncelo e uma letra em que Kurt sente falta de uma vida mais simples. "Pennyroyal Tea" era igualmente comovente e tranqüila, mas a banda também podia dilacerar um ouvinte com a força descomunal da primeira música do álbum, "Serve The Servants", onde Kurt perdoa o seu pai ausente, ou ainda com a explosiva "Tourette's", excelente para fazer com que os pêlos atrás do seu pescoço fiquem eriçados.

Contudo, na produção do álbum surgiram algumas complicações. A gravadora Geffen não estava satisfeita com as primeiras versões e chamou o produtor do R.E.M., Scott Litt, para polir algumas arestas. Kurt estava cada vez mais dependente de drogas e os fãs começavam a especular que o cantor parecia estar irritado e talvez desinteressado da banda. Para piorar a situação, a imprensa se intrometia exaustivamente em seu casamento com Courtney Love. Receava-se que *In Utero* nunca fosse lançado.

Felizmente foi lançado. O disco é considerado um dos trabalhos mais interessantes do Nirvana, assinalando o caminho musical que a banda poderia ter seguido se Kurt ainda estivesse vivo. **JK**



**"Queríamos fazer uma homenagem."**

**Kurt Cobain, 1992**

### Lista de músicas

|      |                                                                    |      |
|------|--------------------------------------------------------------------|------|
| ▶ 01 | <b>Serve The Servants</b> (Cobain)                                 | 3:36 |
| 02   | <b>Scentless Apprentice</b> (Nirvana)                              | 3:47 |
| ▶ 03 | <b>Heart Shaped Box</b> (Cobain)                                   | 4:41 |
| 04   | <b>Rape Me</b> (Cobain)                                            | 2:49 |
| 05   | <b>Frances Farmer Will Have Her Revenge On Seattle</b> (Cobain)    | 4:09 |
| ▶ 06 | <b>Dumb</b> (Cobain)                                               | 2:32 |
| 07   | <b>Very Ape</b> (Cobain)                                           | 1:55 |
| ▶ 08 | <b>Milk It</b> (Cobain)                                            | 3:54 |
| 09   | <b>Pennyroyal Tea</b> (Cobain)                                     | 3:37 |
| 10   | <b>Radio Friendly Unit Shifter</b> (Cobain)                        | 4:51 |
| 11   | <b>Tourette's</b> (Cobain)                                         | 1:35 |
| ▶ 12 | <b>All Apologies</b> (Cobain)                                      | 3:50 |
| 13   | <b>Gallons Of Rubbing Alcohol Flow Through The Strip</b> (Nirvana) | 7:33 |

## Björk | Debut (1993)

**Selo** | One Little Indian  
**Produção** | Vários  
**Projeto gráfico** | Me Company  
**Nacionalidade** | Islândia  
**Duração** | 52:12

Björk Guðmundsdóttir nasceu em Reykjavík e, desde pequena, deu sinais da grande música que se tornaria. Começou cantando sozinha em cavernas varridas pelo vento e, aos 11 anos, já tinha gravado um disco solo de sucesso. Seguiram-se grupos de punk vanguardista, sendo The Sugarcubes o mais famoso. Contudo, quando a banda finalmente conquistou o seu primeiro grande sucesso internacional ("Hit", de 1991), Björk decidiu abandonar o grupo: "Precisava correr riscos, queria desafios."

Levando uma fita em que bandas de sopro tradicionais interpretavam suas composições da infância, a cantora buscou a ajuda do pioneiro da dance music, Graham Massey (do 808 State), e traçou a sua rota para chegar aos clubes underground londrinos. Ao lado do produtor Nellee Hooper (do Massive Attack), Björk confraternizou com algumas das maiores cabeças musicais de Londres – Goldie, Talvin Singh –, ouvindo idéias, dividindo, polinizando como uma abelha. "Obviamente houve discussões e lágrimas dos dois lados", disse Hooper, "mas é assim que se faz um grande disco."

O resultado foi *Debut*. Björk descreve a sua foto na capa do álbum como "tímida e delicada", mas *Debut* foi uma autêntica revelação, um segredo para ser ouvido aos brados. A magia da voz de Björk é o centro do disco, oscilando entre gritos estridentes e suspiros infantis e carinhosos.

Em 1992, quando foi no programa *Unplugged* da MTV acompanhada por um grupo de monges e alguns copos de cristal perfeitamente afinados, a sensação que dava era que Björk seria capaz de extrair música até das pedras. O mundo aplaudiu: Björk tinha chegado. **SH**



**"Tenho muita coragem,  
mas também muito medo."**

**Björk, 1995**

### Lista de músicas

|      |                                                      |      |
|------|------------------------------------------------------|------|
| ▶ 01 | <b>Human Behaviour</b> (Björk•Hooper)                | 4:12 |
| 02   | <b>Crying</b> (Björk•Hooper)                         | 4:49 |
| ▶ 03 | <b>Venus As A Boy</b> (Björk)                        | 4:41 |
| 04   | <b>There's More To Life Than This</b> (Björk•Hooper) | 3:21 |
| 05   | <b>Like Someone In Love</b> (Burke•Van Heusen)       | 4:33 |
| ▶ 06 | <b>Big Time Sensuality</b> (Björk•Hooper)            | 3:56 |
| 07   | <b>One Day</b> (Björk)                               | 5:24 |
| ▶ 08 | <b>Aeroplane</b> (Björk)                             | 3:54 |
| 09   | <b>Come To Me</b> (Björk)                            | 4:55 |
| 10   | <b>Violently Happy</b> (Björk•Hooper)                | 4:58 |
| 11   | <b>The Anchor Song</b> (Björk)                       | 3:32 |
| 12   | <b>Play Dead</b> (Arnold•Björk•Wobble)               | 3:57 |

## Foo Fighters | Foo Fighters (1995)

**Selo** | Roswell

**Produção** | Foo Fighters • Barrett Jones

**Projeto gráfico** | Tim Gabor

**Nacionalidade** | EUA

**Duração** | 44:01

A morte de Kurt Cobain estremeceu o mundo do rock em 1994. Em reconhecimento de sua importância eterna, o baterista do Nirvana, Dave Grohl, encontrou uma forma de se recuperar do choque criando um veículo para o seu próprio talento: o Foo Fighters (nome de código atribuído aos pilotos norte-americanos que investigam as supostas aparições de OVNI).

A acelerada música de abertura, "This Is A Call", foi composta depois da morte de Cobain (tal como "Oh, George" e "I'll Stick Around" – as outras foram compostas quando Grohl ainda era integrante do Nirvana). Ela não tece hipóteses melodramáticas, mas sua afirmação da vida oferece algum consolo. As interpretações corretas e poderosas, assim como a voz potente dessa música (e do restante do disco), serviram como uma boa dose de energia para os fãs mais devastados, ainda que as letras não façam muito sentido.

*Foo Fighters* é um disco de grunge-pop, algo que se assentava muito bem ao estilo de Grohl. De fato, o que em princípio parece ser um esforço coletivo nada mais é do que um projeto solo: foi Grohl quem compôs todas as músicas, colocou a voz, tocou guitarra, baixo e bateria e gravou tudo numa semana. A fórmula verso suave/refrão barulhento e dinâmico (um legado do Nirvana) aparece em várias músicas do álbum, especialmente em "I'll Stick Around" e "For All The Cows". O disco tem uma boa dose de momentos brilhantes: melodias ao estilo dos Beatles como em "Big Me", rock atmosférico em "Oh, George" (em homenagem a George Harrison), guitarras indistintas com uma bateria interessante em "X-Static" e o mais puro punk em "Wattershed" e "Weenie Beenie".

A música final, apropriadamente intitulada "Exhausted", deixa o ouvinte realmente cansado, mas sem sinal de tédio e certamente querendo mais. **MBo**



**"O instinto natural da banda é ser agressiva, potente, solta e crua..."**

Dave Grohl, 2002

### Lista de músicas

|      |                                    |      |
|------|------------------------------------|------|
| ▶ 01 | <b>This Is A Call</b> (Grohl)      | 3:53 |
| ▶ 02 | <b>I'll Stick Around</b> (Grohl)   | 3:53 |
| ▶ 03 | <b>Big Me</b> (Grohl)              | 2:12 |
| ▶ 04 | <b>Alone + Easy Target</b> (Grohl) | 4:05 |
| 05   | <b>Good Grief</b> (Grohl)          | 4:01 |
| 06   | <b>Floaty</b> (Grohl)              | 4:30 |
| 07   | <b>Weenie Beenie</b> (Grohl)       | 2:45 |
| 08   | <b>Oh, George</b> (Grohl)          | 3:00 |
| ▶ 09 | <b>For All The Cows</b> (Grohl)    | 3:30 |
| ▶ 10 | <b>X-Static</b> (Grohl)            | 4:13 |
| ▶ 11 | <b>Wattershed</b> (Grohl)          | 2:15 |
| ▶ 12 | <b>Exhausted</b> (Grohl)           | 5:44 |

## Radiohead | Kid A (2000)

**Selo** | Parlophone

**Produção** | Nigel Godrich

**Projeto gráfico** | Stanley Donwood • Tchocky

**Nacionalidade** | Inglaterra

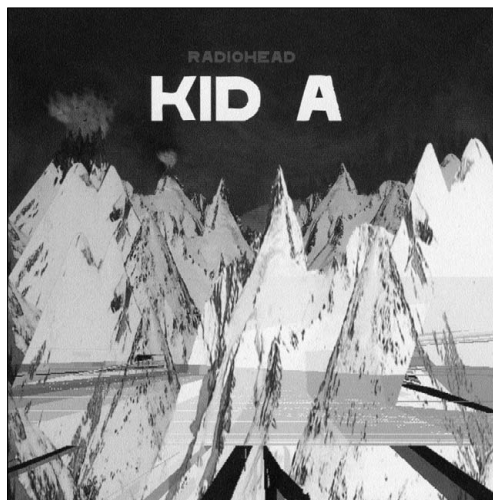
**Duração** | 49:56

Depois de *OK Computer*, de 1997, tornou-se comum afirmar que o Radiohead era uma das melhores bandas da Inglaterra. No entanto, *Kid A*, gravado três anos depois, gerou muita controvérsia. Os críticos queriam saber onde estavam as guitarras e por que Thom Yorke parecia estar cantando dentro de uma banheira.

O Radiohead criou um álbum mais focado no som e nas texturas do que na simples dinâmica entre volumes altos e baixos – e menos ainda em estruturas convencionais para as músicas. Cliques, baterias eletrônicas e teclados seqüenciados servem de base para o falsete de Yorke em “Everything In Its Right Place” e na sombria “Morning Bell”. Um baixo lúgubre pontua “The National Anthem”, combinando a bateria de Phil Selway com um naipe de sopros para criar um final apocalíptico. Os belos violões de “How To Disappear Completely” são sobrepostos a uma seção de cordas atonal que acentua o niilismo de Yorke quando canta “I’m not here / this isn’t happening” (“Eu não estou aqui / isto não está acontecendo”).

O guitarrista Jonny Greenwood compôs grande parte dos arranjos de cordas e fez um uso fantástico do Ondes Martenot, um instrumento eletrônico dos anos 20 (famoso por ter sido usado no tema da série original *Star Trek – Jornada nas Estrelas*). Baterias eletrônicas criam a base para a arrebatadora “Idioteque”. “Motion Picture Soundtrack” encerra o álbum com um órgão cujo som lembra músicas de funerais.

*Kid A* conquistou um Grammy e alcançou os primeiros lugares das paradas em ambos os lados do Atlântico (apesar de ter sido disponibilizado gratuitamente na internet semanas antes do lançamento oficial). Foi o álbum que fez o Radiohead estourar nos Estados Unidos. **AMa**



### Lista de músicas

|      |                                                                                                |      |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| 01   | <b>Everything In Its Right Place</b> [C. Greenwood<br>J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke] | 4:11 |
| 02   | <b>Kid A</b> [C. Greenwood • J. Greenwood<br>O'Brien • Selway • Yorke]                         | 4:44 |
| ▶ 03 | <b>The National Anthem</b> [C. Greenwood<br>J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke]           | 5:51 |
| 04   | <b>How To Disappear Completely</b> [C. Greenwood<br>J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke]   | 5:56 |
| 05   | <b>Treefingers</b> [C. Greenwood<br>J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke]                   | 3:42 |
| ▶ 06 | <b>Optimistic</b> [C. Greenwood • J. Greenwood<br>O'Brien • Selway • Yorke]                    | 5:16 |
| 07   | <b>In Limbo</b> [C. Greenwood • J. Greenwood<br>O'Brien • Selway • Yorke]                      | 3:31 |
| ▶ 08 | <b>Idioteque</b> [C. Greenwood • J. Greenwood<br>O'Brien • Selway • Yorke]                     | 5:09 |
| ▶ 09 | <b>Morning Bell</b> [C. Greenwood<br>J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke]                  | 4:35 |
| 10   | <b>Motion Picture Soundtrack</b> [C. Greenwood<br>J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke]     | 7:01 |

## U2 | All That You Can't Leave Behind (2000)

**Selo** | Island

**Produção** | Brian Eno • Daniel Lanois

**Projeto gráfico** | Steve Averill

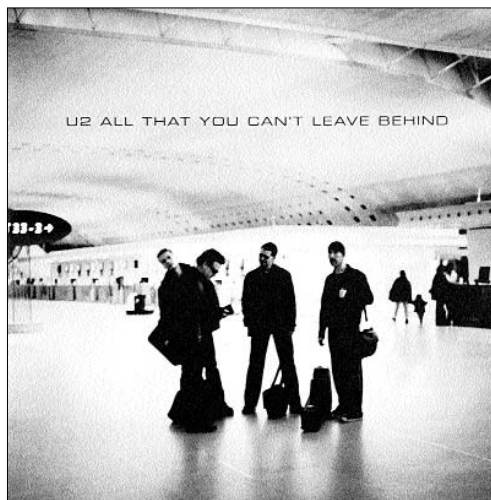
**Nacionalidade** | Irlanda • Inglaterra

**Duração** | 53:07

Com *All That You Can't Leave Behind*, os irlandeses do U2 consolidaram o seu lugar no topo da hierarquia do rock. Seu décimo álbum de estúdio foi concebido após o tom pseudodecadente de *Pop* e de *Zooropa* e o glam-rock dançante do inesperado *Achtung Baby*. Adotando uma abordagem mais simples, este álbum descarta a experimentação eletrônica em favor de uma instrumentação básica e de um conteúdo lírico com apelo universal. Foi o disco que simultaneamente relançou a banda como uma força artística contemporânea e apresentou o líder Bono como um dos letristas que melhor articulam suas emoções.

*All That You Can't Leave Behind* é um trabalho de dimensões épicas e não um mero disco de transição: "Pensamos ter composto 11 singles para este álbum", comentou Bono. Com um toque menos messiânico do que o material gravado pelo U2 nos anos 90, o impressionante sucesso internacional deste disco ganhou uma dimensão ainda maior após o 11 de Setembro – "Walk On" converteu-se num hino de resistência para os que ficaram aterrorizados com os ataques ao World Trade Center. "Beautiful Day" é uma canção explosiva de um otimismo exuberante, enquanto "Kite", escrita para o pai de Bono, que estava morrendo, refere-se às dificuldades da vida privada ofuscadas por trás do brilho da fama. É bela em sua simplicidade.

Em 2002, este disco ganhou o Grammy de Melhor Álbum de Rock, e as faixas "Walk On", "Elevation" e "Stuck In A Moment..." receberam prêmios em suas respectivas categorias. Antes das nomeações para o Grammy, Bono brincou sobre "voltar a candidatar-se ao emprego de primeiro das paradas". Parece que o currículo do rapaz foi aceito. **SN**



**"Você derrama sua vida nas músicas, você quer que elas sejam ouvidas."**

**Bono, 2005**

### Lista de músicas

|      |                                                   |      |
|------|---------------------------------------------------|------|
| ▶ 01 | Beautiful Day (U2)                                | 4:08 |
| ▶ 02 | Stuck In A Moment You Can't Get Out Of (U2)       | 4:32 |
| ▶ 03 | Elevation (U2)                                    | 3:47 |
| ▶ 04 | Walk On (U2)                                      | 4:56 |
| ▶ 05 | Kite (U2)                                         | 4:27 |
| ▶ 06 | In A Little While (U2)                            | 3:39 |
| ▶ 07 | Wild Honey (U2)                                   | 3:47 |
| ▶ 08 | Peace On Earth (U2)                               | 4:48 |
| ▶ 09 | When I Look At The World (U2)                     | 4:18 |
| ▶ 10 | New York (U2)                                     | 5:30 |
| ▶ 11 | Grace (U2)                                        | 5:31 |
| ▶ 12 | The Ground Beneath Her Feet (Salman Rushdie • U2) | 3:44 |